

## **DIRECIONAL EDUCADOR**

Coluna: E agora, professor?

Março/2012

### **Tecnofobia: um impasse a superar**

#### **Armadilhas oferecidas por leituras superficiais da contemporaneidade**

Por Cassiano Zeferino de Carvalho Neto

Frequentemente tenho tido a oportunidade de me dirigir a educadores, especialistas e gestores que atuam na educação, em seus diferentes níveis. Trata-se de momentos únicos uma vez que a diversidade das platéias que interagem comigo apresentam variadas e, frequentemente, complexas indagações e incertezas a respeito do presente.

Um dos aspectos que trazem polêmica gira ao redor dos tempos e modos de intervenção que podem ser situados no ambiente da escola e fora dele, já que as tecnologias digitais que viabilizam comunicação não presencial ampliam, sobremaneira, os estreitos limites delineados pelos muros físicos da própria escola.

Por esta via, um dos questionamentos que derivam de uma questão relacionada à identidade e sentido que a escola procura encontrar naquilo que faz é aquele que se refere aos novos papéis dos educadores, perante os estudantes. Se em tempos idos as relações eram, ou se gostaria que fossem agudamente verticalizadas, hoje elas se diluem e horizontalizam por vezes até se perdendo as identidades de papéis vivenciados entre educadores e educandos.

Não é mais incomum, por exemplo, uma experiência frequentemente comentada por todos aqueles que têm filhos, sobrinhos, netas ou netos, mais jovens que vêm em socorro para auxiliar quando não se consegue enviar um simples e-mail, porque o sistema 'parou'. Geralmente, uma mãozinha competente e hábil sabe bem o caminho a seguir e como fazer para que o problema seja prontamente resolvido, não é verdade?

Por esta linha é cada vez mais frequente nossos queridos estudantes desenvolverem competências e habilidades em sistemas e processos que nós não conhecemos e, menos ainda, dominamos. Como são cenários que envolvem comunicação – e não existe educação sem comunicação – é como se estivéssemos a cada dia vendo mais e mais especialistas surgindo, num campo onde não temos toda a destreza, ou ao menos familiaridade, no que se refere às tecnologias digitais. Com isso vamos percebendo que estamos a metros, milhas ou

anos-luz de distância daqueles com quem, por dever de ofício, temos o compromisso de promover os processos educativos formais.

Estas distâncias efetivas apresentam um novo tipo de dicotomia e, por que não dizer, de tecnofobia. A reação mais primitiva a este cenário é o desenvolvimento de medo por ameaça provocada pelo desconhecido. Imediatamente ouvimos algumas afirmações dos educadores que buscam colocar em cheque a validade dos processos educacionais que possam contemplar suporte das tecnologias digitais, como que colocando como causa de todo mal a existência do computador, do software, da Internet e de tudo mais que diz respeito ao digital.

Uma reação dessa natureza pode facilmente ser compreendida, afinal de contas estamos, todos, lidando com aspectos que nos parecem frequentemente estranhos, ao menos estranhos ao que fizemos há dez ou vinte anos atrás. Lembramo-nos dos dias de glória onde trazíamos, sem muito gasto de energia, os alunos (aqueles desprovidos de luz) às nossas arenas de conhecimento, onde liderávamos soberanos. Conteúdos conhecidos, vários problemas dos livros adotados resolvidos, livros que pudessem causar divergências ou questionamentos bem distantes, nas empoeiradas prateleiras de bibliotecas pouco visitadas e, claro, nada de Internet, nada de comunicação online e acesso a um universo de informações, distantes a um toque dos dedos... Deles!

Os tempos vêm mudando, as possibilidades também, a comunicação e seus meios nem se fala. E nós, o que e como temos enfrentando tais mudanças? Ou: será que temos nos dado conta, de fato, do que vem ocorrendo? Temos clara ciência do que significa estarmos diariamente lidando com os chamados nativos digitais (ainda que existam aqueles que expurguem este termo)? Em que mundo temos nos metido, todos os dias quando adentramos o recinto da escola?

Se as paredes são as mesmas, assim como o surrado quadro negro, ou mesmo se a parede já exhibe um sofisticado quadro digital, algo mudou, e muda a todo instante: são os estudantes que recebemos. Eles não dependem de nossas crenças para viver, simplesmente vive seu tempo, suas realidades aumentadas, como efeito do universo digital que incorpora modos inusitados de comunicação, de regras e de valores.

### **Durante uma palestra e ao final dela**

Certo dia, ao final de um encontro com educadores e educadoras, uma colega apresentou um questionamento que refletia, sobremaneira, sua angústia diante de tempos que não nos parecem nada familiares. Indagava, ela, a respeito do absurdo de uma excessiva abstração decorrente de uma presença corpórea que se dilui a cada dia. Na prática se referia ao fato de que os jovens estão cada vez mais centrados diante de seus mundos virtuais, voltados para a tela de um computador. Considerava que o fato de existirem cada vez mais objetos educacionais digitais, como audiovisuais, simuladores, animações e outros recursos os mesmos faziam com que os estudantes ficassem ainda mais distantes de contatos físicos diretos, com seus professores e mesmo colegas, ao menos no que diz respeito a demandas

escolares. Havia uma grande angústia expressa por aquela manifestação, talvez beirando uma tecnofobia.

Como o horário já avançava sobre o limite de tempo estipulado, não foi possível refletir o quanto seria possível e desejável a respeito da importante consideração apresentada pela colega, na perspectiva de se ir além de aspectos meramente posicionais da forma 'concordo', 'não concordo'. Por isso me sirvo deste momento para refletir a respeito do assunto, trazendo-o a esta arena.

Ao longo da história há vários momentos de sair de onde se está, para se ir a outros lugares. A educação, em seu curso histórico não linear e até hoje em sociedades que mantém rigorosamente suas tradições, apresenta períodos em que a educação foi essencialmente realizada no ambiente do lar. Há também longos períodos em que o deslocamento se deu para ambientes distantes de casa, como nos mosteiros, sinagogas e até mesmo em praça pública. A comunicação se dava no corpo a corpo e ao longo da história foi contando com a comunicação mediada por mídia impressa, após o advento da imprensa e a publicação crescente dos primeiros livros. Eis, de uma forma muitíssimo simplificada, o resgate de um processo que se deu ao longo de séculos chegando aos dias atuais.

Esta percepção é importante à medida que nos alerta para o entendimento de que somos, estamos e construímos História. Somente existe um século XXI e suas peculiaridades por que existiu o século XX, com as suas intercorrências e decorrências. Não perceber isso representa sair do fiel da balança e nos situarmos em uma situação onde se apresenta um véu que tende a ocultar os fatos e, portanto, suas possíveis interpretações.

É relativamente comum, quando pensamos e fazemos educação, colocarmos o referencial na escola, no que cremos, pensamos e fazemos. Não é comum voltarmos nosso olhar, de fato, para aqueles a quem temos um compromisso social e histórico assumido. Esperamos, mais uma vez, que venham ao nosso reino do saber, esquecendo-nos que têm seus reinos do viver... Eis aí um dos aspectos que nos levam às grandes distâncias entre o esperado e o realizado.

### **A superficialidade das análises transitórias: um impasse a superar.**

É frequente, diante desses cenários, nos voltarmos para o computador, ou até mesmo a Internet, apontando-os como os grandes vilões de uma história que resiste em não se submeter às nossas convicções. Ora, é simples perceber que uma percepção que segue por esta trilha pode estar, facilmente, comprometida com uma análise superficial e transitória. Esta postura seria algo equivalente ao que pode ter ocorrido com nossos colegas educadores, que viviam e trabalhavam em meados do século XIX, quando viram, pela primeira vez, um quadro negro pendurado na parede de uma sala de aula. As evidências mostram que as resistências dos educadores foram muitas e por longo tempo, considerando aquela nova mídia como algo totalmente fora do contexto da "realidade".

É fácil perceber o engano daquela postura. Passados mais de cem anos, pergunto se tem alguma sala de aula que não tenha um quadro negro, verde, branco ou digital. Eis a

questão. A existência daquela nova mídia exigiu que os educadores reformulassem, profundamente, os seus processos de comunicação, pois àquela altura o modo de promover a educação era essencialmente através dos símbolos verbais, da palavra. Inserir aquela nova mídia era ampliar, notavelmente, o universo de possibilidades de comunicação já que ela oportunizava o trato com símbolos visuais, isto é, tudo aquilo que hoje com absoluta naturalidade somos capazes de registrar sobre uma lousa.

Portanto, a resistência e o assombro não eram por conta de uma nova mídia, mas sim de um novo tempo. Nas relativamente poucas salas de aula existentes àquela altura da história, os estudantes chegavam com seus novos paradigmas, novas formas de comunicação e expectativas. A escola se arrastava, tentando compreender aquele novo tempo, um novo mundo em construção.

É preciso ter cuidado para não estarmos vivendo algo similar em pleno século XXI, com consequências muitíssimo maiores quanto ao impacto para as novas gerações. Aliás, temos de levar em conta que podem mesmo, acabar achando que não vale a pena digladiar por conta de visões de mundo tão divergentes. O fato é que as tecnologias digitais de comunicação colocaram o mundo diante dos jovens, e cada jovem diante do mundo.

Informações para conhecimento, e conhecimento que produz informações deixam de serem a cada dia, ilhas de exclusividade de poucos, para se tornarem em oceanos de possibilidades de todos, ao menos de todos aqueles que navegam em novos mundos, novos tempos, novos ares.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO NETO, C. Z. Educação Digital: Paradigmas, tecnologias e complexmedia dedicada à gestão do conhecimento. Tese de doutoramento defendida publicamente perante o Programa de pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://www.carvalhonetocz.com/publicacao-academica/>. Aceso em 08.01.2012.

Cassiano Zeferino de Carvalho Neto tem Pós-doutorado em andamento no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA); Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC/UFSC); Mestrado em Educação Científica e Tecnológica (ECT/UFSC); Especialidade em Qualidade na Educação Básica (INEAM/OEA/USA) e Licenciatura em Pedagogia, com complementação em Física (PUCSP). Fundador da Laborciencia Editora, do Instituto para a Formação Continuada em Educação (IFCE) e do Instituto Galileo Galilei para a Educação (IGGE). [www.carvalhonetocz.com](http://www.carvalhonetocz.com)